

## **POLIFARMÁCIA: PREVALÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS EM USUÁRIOS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE<sup>1</sup>**

**Amauri Braga Simonetti<sup>2</sup>, Lissandra Gluszczak<sup>3</sup>, Everton Toigo Somensi<sup>4</sup>, Gustavo Olszanski Acrani<sup>5</sup>, Ivana Loraine Lindemann<sup>6</sup>**

<sup>1</sup> Pesquisa institucional desenvolvida no campus Passo Fundo da Universidade Federal da Fronteira Sul-UFFS.

<sup>2</sup> Docente do Curso de Medicina, na instituição Universidade Federal da Fronteira Sul Campus Passo Fundo.

<sup>3</sup> Docente do Curso de Medicina, na instituição Universidade Federal da Fronteira Sul Campus Passo Fundo.

<sup>4</sup> Acadêmico do Curso de Medicina, na instituição Universidade Federal da Fronteira Sul Campus Passo Fundo.

<sup>5</sup> Docente do Curso de Medicina, na instituição Universidade Federal da Fronteira Sul Campus Passo Fundo.

<sup>6</sup> Docente do Curso de Medicina, na instituição Universidade Federal da Fronteira Sul Campus Passo Fundo.

**Introdução:** nos últimos anos, o consumo de medicamentos pela população tem aumentado substancialmente, principalmente devido às doenças crônicas e às manifestações clínicas decorrentes do envelhecimento. Em um inquérito recente, integrante da Pesquisa Nacional sobre o Acesso, Utilização e Promoção do Uso Racional de Medicamentos no Brasil (PNAUM), foram entrevistados 8.803 usuários de serviços de APS em 272 municípios brasileiros, sendo encontrada uma prevalência de polifarmácia em 9,4% da população geral e de 18,1% em idosos, associada com variáveis sociodemográficas e indicadores de saúde. No Rio Grande do Sul (RS) são escassos os estudos sobre polifarmácia. Este é o primeiro estudo no âmbito da APS na região de Passo Fundo, que é o maior polo médico do interior do estado. **Objetivo:** o objetivo do estudo foi verificar a prevalência e os fatores associados à polifarmácia entre usuários da atenção primária à saúde em um município do Rio Grande do Sul. **Metodologia:** este estudo faz parte de uma pesquisa transversal realizada com adultos e idosos atendidos na rede de Atenção Primária à Saúde (APS) de Passo Fundo, norte do estado do Rio Grande do Sul, com coleta de dados a partir da aplicação de questionário. Foram incluídos indivíduos com idade igual ou superior a 18 anos, de ambos os sexos, residentes na cidade. Os dados foram coletados entre maio e agosto de 2019, a partir da aplicação de questionário testado e pré-codificado, por entrevistadores treinados, nas próprias unidades, de acordo com os horários de funcionamento. Foram avaliados aspectos sociodemográficos, de saúde e de comportamento. Foi realizada estatística descritiva, incluindo cálculo de prevalência com intervalo de confiança de 95% (IC95) e de razões de prevalência (RP) brutas e ajustadas. O protocolo do estudo foi aprovado pelo Comitê

de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal da Fronteira Sul, obedecendo à Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (Parecer de nº 3.219.633). **Resultados:** foram amostrados 1.365 participantes e observou-se predomínio de sexo feminino (69,4%), idade entre 18 e 59 anos (70,4%), cor da pele branca (64,8%), até 8 anos de estudo (47,1%), indivíduos com cônjuge (71,3%), que não moram sozinhos (90%), não exercem atividade remunerada (57,7%) e com renda de até um salário mínimo (70,7%). Do total, 52,1% apresentaram autopercepção positiva da saúde e 65%, excesso de peso. Quanto ao diagnóstico médico de doenças crônicas não transmissíveis, 42,3% mencionaram duas ou mais, sendo 19,9% diabetes mellitus, 40,9% de hipertensão arterial sistêmica, 26,1% de hipercolesterolemia, 19,8% de hipertrigliceridemia, 15,2% de doença cardíaca e 14,9% da tireoide, 27,6% de depressão, 5,4% de câncer, 31% de alergia e 17,4% de artrite/artrose. Dor crônica foi referida por 56,1% dos participantes e tratamento psicológico por 8,7%. Ainda, 63,8% referiram costume de pesquisar sobre saúde na internet, 18,9% relataram tabagismo, 30,3% consumo de bebida alcoólica, 50,9% automedicação e, 56,9%, que não praticavam atividade física. Observou-se prevalência de polifarmácia de 15,7% (IC95 14-18) na amostra, sendo 8% (IC95 7-10) em adultos até 59 anos e 33% (IC95 28-37) em idosos acima de 60 anos. Mesmo após ajuste, maior probabilidade do desfecho foi observada em idosos (RP=2,75; IC95 2,01-3,74), participantes que não estavam trabalhando (RP=1,86; IC95 1,22-2,84), com autopercepção negativa da saúde (RP=2,00; IC95 1,39-2,88), diabéticos (RP=2,62; IC95 2,00-3,43), hipertensos (RP=3,77; IC95 2,64-5,38), com doença cardíaca (RP=1,60; IC95 1,30-1,98), depressão (RP=1,47; IC95 1,19-1,82), artrite/artrose (RP=1,50; IC95 1,25-1,80) e que não consumiam bebida alcoólica (RP=1,41; IC95 1,08-1,82). Por outro lado, foi observada uma menor probabilidade do desfecho entre aqueles que se automedicaram nos últimos 30 dias (RP=0,76; IC95 0,59-0,97). **Conclusões:** a polifarmácia é uma ocorrência frequente entre os usuários da atenção primária, principalmente idosos, e está associada a fatores comportamentais e de saúde. Estes resultados revelam a necessidade de implementação de estratégias que alertem a população sobre o uso apropriado de medicamentos para reduzir os riscos da polimedicação.

**Palavras-chave:** Polimedicação; SUS; Envelhecimento; Epidemiologia.